



Ao alcance dos pés

Cinema. **A cineasta Lina Chamie apresenta dois filmes na Mostra de São Paulo.** Pág. 3

MAGAZINE

Entrevista

MÚSICA

Ângela RÔ RÔ lança DVD e fala da carreira. **Página 5**

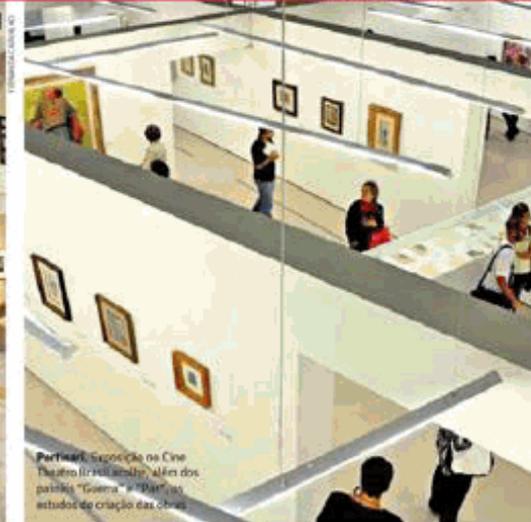


www.otempo.com.br

O TEMPO DE BELA HORIZONTE, DOMINGO, 20 DE OUTUBRO DE 2013



"O Cruzeiro", Mostra no Centro de Arte Contemporânea e Fotografia narra a trajetória do fotojornalismo brasileiro por meio da história dessa revista



Particular, seçãoção no Cine Teatro Itamaraty, além dos painéis "Guerra" e "Paz" as atividades de criação das obras

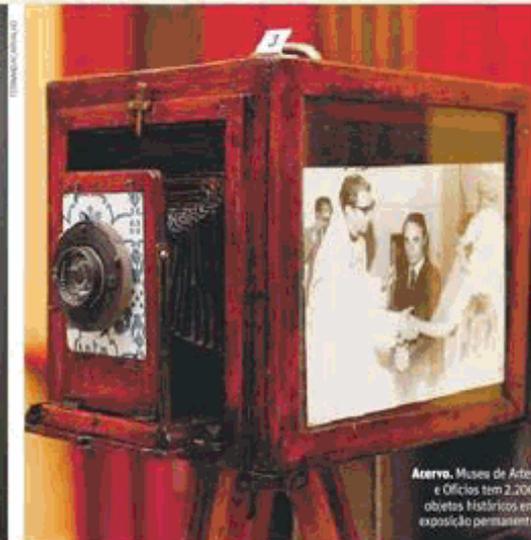
Equipamentos

Centro de atrações culturais

Museus e institutos culturais espelhados pelo centro de Belo Horizonte constituem um circuito cultural possível de ser percorrido com curtas caminhadas. Diversidade de ações e atividades caracterizam a programação dos espaços que, por outro lado, têm o desafio de se manterem atrativos em local às vezes evitado pela população da capital. **Páginas 6 e 7**



Escher, trabalhos, como gravuras e litografias, do artista gráfico holandês estão expostos no Palácio das Artes



Acervo. Museu de Arte e Ofícios tem 2.200 objetos históricos em exposição permanente



Ao alcance dos pés

Equipamentos

Museus e centros culturais de Belo Horizonte desenham percurso cultural no centro

Ao alcance dos pés

■ CARLOS ANDREI SIQUARA

■ Cronometrada, pode não chegar a quatro minutos a caminhada entre o Museu de Artes e Ofícios (MAO) e o Espaço CentoeQuatro, equipamentos culturais que estão distribuídos próximos de outras duas importantes casas no centro: a Funarte e o Centro Cultural da UFMG. O último também abriga o Museu Vivo Memória Gráfica, de onde, em pouco tempo, também é possível se chegar ao Cine Theatro Brasil, localizado na praça Sete.

Dali, é fácil se dirigir ao Centro de Arte Contemporânea e Fotografia, não demandando mais do que 88 passos até o edifício na avenida Afonso Pena. Mantendo o ritmo, com mais 10 minutos de caminhada, pode se alcançar o Palácio das Artes, que atualmente vem atraindo grande quantidade de público com a mostra de variados trabalhos do artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher (1898-1972).

A desculpa da distância para o possível desconhecimento de cada um desses lugares definitivamente não cabe em tal perímetro, que vem se caracterizando pela oferta de diversas atrações e atividades. Embora boa parte delas ainda passe despercebida pelos ha-

tros.

“É possível fazer ao menos quatro ou cinco coisas contando com o deslocamento de apenas se atravessar uma rua aqui no entorno da praça da Estação. Os moradores do centro e de regiões mais afastadas aos poucos começam a descobrir a cidade, mas é necessário continuamente lançar luz para essa possibilidade de se circular por esses lugares, porque as pessoas geralmente encontram vários empecilhos para frequentar o centro”, pontua Inês Rabelo, coordenadora do Espaço CentoeQuatro.

O instituto cultural, que em 2014 completa cinco anos, ganhou uma sala de cinema em 2012 e há poucos meses uma biblioteca centrada no repertório de artes visuais. O foco na qualidade dos filmes orienta a programação. Essa, de acordo com o programador Daniel Queiroz, se pauta pela ideia de abrir também espaço ao cinema brasileiro, o qual tem raríssima circulação nos ambientes comerciais.

“Nós temos chamado esse tipo de sala, como a do Cine 104, de cinema de resistência. Não é uma situação muito fácil conseguir público, embora temos notado uma renovação muito grande no cenário

te aumentar a faixa interessada em um tipo de produção que vai além dos blockbusters”, acrescenta Queiroz.

Com mais de três décadas de existência, o Cine Humberto Mauro segue uma linha semelhante, e apesar da longa trajetória, ainda é ignorado por boa parcela dos belo-horizontinos. “Não raramente as pessoas se mostram surpresas quando descobrem que dentro do Palácio das Artes tem um cinema. E a reação é a mesma desde aqueles que não visitam o espaço até outros que vão ao Grande Teatro, o que é mais incrível. Ou seja, algumas pessoas não têm ideia do que existe abaixo, descendo as escadas”, revela Ursula Rösele, assessora de gerência de cinema da Fundação Clóvis Salgado.

De acordo com ela, tem contribuído para mudar isso a realização de grandes mostras, como as retrospectivas das obras de Alfred Hitchcock, Luis Buñuel, Howard Hawks e Charles Chaplin. “Talvez exceto o Hawks, todos os outros nomes são bastante conhecidos, e isso trouxe um público que até então nunca tinha entrado no Cine Humberto Mauro. Tenho observado que essas pessoas, após circularem pelas



Ao alcance dos pés

bitantes, aos poucos as pessoas têm tomado conhecimento das possibilidades de se ver uma coleção de objetos históricos, no MAO; assistir a um filme no Cine 104, projeto recente do Espaço CentoeQuatro; ou fruir as exposições de livros no Museu Vivo Memória Gráfica, os espetáculos na Funarte, dentre outros projetos que se revelam como oportunidades únicas no Centro de Arte Contemporânea e Fotografia, além daqueles no Palácio das Artes, a poucos me-

da cinefilia em Belo Horizonte”, relata Daniel Queiroz. “A gente batalha para justamen-

grandes mostras, passam a retornar em outros momentos ao cinema”, diz Rösele.

“Eu estive em Petrópolis (RJ) e lá conheci o Museu Imperial recentemente. Fiquei pensando que em Belo Horizonte há vários espaços também interessantes e as pessoas, às vezes, não conhecem ou pouco os visitam”. **Cláudia Oliveira, pedagoga**





Ao alcance dos pés

MUSEUS. Próximo ao Espaço Cento e Quatro, o Museu Vivo Memória Gráfica tem sido uma das últimas descobertas dos interessados no universo da editoração de livros e da tipografia. Instalado em duas salas do Centro Cultural UFMG, ele funciona também como um laboratório e ali são expostos os processos de criação de títulos e alguns outros que são referência artística e histórica. Um dos trabalhos mais recentes, que ilustra suas ações, foi o lançamento na última terça-feira da reprodução de um dos capítulos do livro “Dom Quixote”, todo ele impresso em antigas máquinas tipográficas.

“Eu esperava uma média de 40 pessoas e vieram para o lançamento cerca de cem. Esse número é algo muito importante porque aponta a repercussão desse projeto que demandou um ano de pesquisa”, conta Ana Utsch, coordenadora do Museu Vivo Memória Gráfica, o qual existe há três anos.

Outra referência importante quando o assunto são os costumes e as tecnologias do passado, o Museu de Artes e Ofícios possui um dos maiores acervos de objetos históricos do Estado. Ao todo, são 2.200 peças datadas do século XVIII ao XX que traçam um percurso do próprio país, desde o período colonial até sua transição para a modernidade. Durante uma visita, na última quarta-feira, acompanhada pela sobrinha e uma amiga da garota, a pedagoga Cláudia Oliveira ressaltou a importância do contato com o material ali apresentado. “Acho ex-

tremamente valioso tirar as crianças um pouco do computador e mostrar para elas como o funcionava o nosso cotidiano anteriormente. Eu gosto muito dessa perspectiva que proporciona o museu”, diz Oliveira.



Ao alcance dos pés

História

O Museu de Artes e Ofícios oferece um amplo acervo de peças que vão desde o século XVIII até o XX. No conjunto, elas são um testemunho dos diferentes tipos de trabalho e da vida dos brasileiros nos ambientes rurais e urbanos.

Visitação: De 3ª a 6ª, das 12h às 19h; 4ª e 5ª, das 12h às 21h – de 17h às 21h, entrada gratuita. Sáb., dom., e feriado, das 11 às 17h - Aos sáb., a entrada é gratuita. Ingressos: R\$ 5 (inteira) e R\$ 2,50 (meia).





Ao alcance dos pés

PEDRO GONTIJO



Cinema e artes

Prestes a completar cinco anos em 2014, o Espaço CentoeQuatro inaugurou uma biblioteca sobre artes visuais neste ano e abriu uma sala de cinema em 2012. Sessões comentadas com diretores e especialistas no assunto fazem parte das atividades da casa, que também recebe shows e espetáculos. Na próxima semana, o local vai sediar ações do Festival de Arte Negra. Programação completa no site: www.centoequatro.org

PEDRO GONTIJO

Diversidade

Após ampla reforma em 2010, a Funarte tem mantido editais de ocupação que fazem circular no espaço diferentes projetos no âmbito das artes cênicas, artes visuais e da música, dentre outros. Para o próximo ano, a instituição estuda receber grupos artísticos interessados em ensaiar no local, expandindo assim as possibilidades de convivência no ambiente que acolhe residências.





Ao alcance dos pés

PEDRO GONTIJO



Memória

O Museu Vivo Memória Gráfica expõe maquinário do fim do século XIX e início do século XX utilizado para impressão de livros com a técnica de tipografia. Em pleno funcionamento, boa parte das peças também é usada para a publicação de livros, o que vem chamando atenção para o caráter artístico e históricos dos processos. **Visitação:** De 2ª a 6ª, das 9h às 17h. Entrada gratuita.

FERNANDA CARVALHO



Reestrela

Após longo processo de restauração, o Cine Theatro Brasil voltou ao funcionamento com a exposição dos painéis "Guerra" e "Paz" de Cândido Portinari. O público, ao chegar no local, é orientado a ver um pequeno documentário antes de apreciar as peças pertencentes à sede da ONU, nos Estados Unidos. **Visitação:** Até 24/11, de 3ª a dom., das 10h às 19h. Entrada gratuita.



Ao alcance dos pés

FERNANDA CARVALHO

Fotografia

A revista "O Cruzeiro" representou um importante marco no fotojornalismo brasileiro. Na mostra, em cartaz no Centro de Arte Contemporânea e Fotografia, o público pode conhecer desde o exemplar número um da publicação, em 1938, até aquelas que vieram a público nas décadas de 1960. **Visitação:** Até 17/11, de 3ª a sáb., das 9h30 às 21h; dom., das 16h às 21h. Entrada gratuita.



PAULO LACERDA / DIVULGAÇÃO



Filmes

Na ativa há mais de três décadas, o Cine Humberto Mauro é a sala de cinema do Palácio das Artes que tem longa tradição de exibição de filmes clássicos e independentes. Mais recentemente, tem atraído grande público com mostras especiais centradas em diretores clássicos. A retrospectiva da obra de Alfred Hitchcock recebeu 17.359 pessoas.



Ao alcance dos pés

FERNANDA CARVALHO

Artes visuais

Sucesso em várias cidades do mundo, a exposição "A Magia de Escher", com trabalhos do artista holandês Maurits Cornelis Escher (1898 – 1972) já levou 72.674 pessoas às galerias do Palácio das Artes até a última quinta-feira. A mostra abarca diversas séries de gravuras e litografias do artista que jogava em seus trabalhos com a noção de perspectiva, realidade e finitude.

